

Proposição de um *index* para a diplomacia esportiva no contexto militar

Proposition of an index for sports diplomacy in the military context

Resumo: A diplomacia esportiva utiliza esportistas e eventos esportivos para construir uma imagem favorável entre públicos e instituições estrangeiras. O objetivo da pesquisa foi propor um *index* de diplomacia esportiva no contexto do esporte militar. Uma revisão analítica de literatura foi realizada para listar as ferramentas e os indicadores de diplomacia esportiva. Cinco *experts* julgaram a importância e potencial de impacto das ferramentas no contexto esportivo militar. Escalonamento multidimensional foi realizado para definir a retenção das ferramentas. Por fim, foi identificado nos *yearbooks* do *International Military Sports Council* a frequência do uso destas ferramentas nas três últimas edições dos Jogos Mundiais Militares e a análise fatorial confirmatória de mínimos quadrados parciais para modelos formativos foi empregada para geração do algoritmo do *index*. Os resultados apontam que seis ferramentas eram relevantes e a análise fatorial indicou que o *index* atingia os critérios de qualidade exigidos, sendo possível gerar o algoritmo a partir de seus pesos fatoriais ponderados, gerando um modelo para análise de diplomacia esportiva no contexto militar.


Palavras-chave: Diplomacia. Esporte. Militar.

Abstract: Sports diplomacy uses sportsmen and sporting events to build a favorable image between audiences and foreign institutions. The aim of the research was to propose an index of sports diplomacy in the context of military sport. An analytical literature review was conducted to list the tools and indicators of sports diplomacy. Five experts judged the importance and potential impact of the tools in the military sports context. Multidimensional scaling was performed to define tool retention. Finally, it was identified in the International Military Sports Council yearbooks the frequency of use of these tools in the last three editions of the Military World Games and the confirmatory factorial analysis with partial least squares for formative models was employed to generate the index algorithm. The results indicated that six tools were relevant and the factor analysis indicated that the index met the required quality criteria, being possible to generate the algorithm from its weighted factor weights, generating a model for analysis of sports diplomacy in the military context.

Keywords: Diplomacy. Sports. Military.

Delon Philbert Willis 

Guiana Defense Force.
Georgetown, Guyana.
delon_looney@hotmail.com

Angela Nogueira Neves 

Exército Brasileiro.
Escola Educação Física do Exército.
Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
angelanneves@yahoo.com.br

Recebido: 11 nov. 2020

Aprovado: 21 jan. 2021

COLEÇÃO MEIRA MATTOS

ISSN on-line 2316-4891 / ISSN print 2316-4833

<http://ebrevistas.eb.mil.br/index.php/RMM/index>



Creative Commons
Attribution Licence

1 Introdução

Desde tempos indefinidos, "o homem viveu em bandos ou aldeias" mas não até talvez 5000 a.C. as aldeias começaram a se agregar em unidades políticas maiores. Como consequência, o processo de agregação continuou em um ritmo progressivamente mais rápido e levou à formação do primeiro Estado da história (SPRUYT, 2002). Desde então, o Estado se configura como o detentor legítimo do uso da força (WEBER, 2015) e a expansão dos Estados cria uma sociedade de relações entre os mesmos, nas quais, tanto o *hard power* (militar e econômico) quanto o *soft power* são empregados de forma única ou combinada a fim de equilibrar as relações entre os Estados (NYE, 2004).

Enquanto as potências mundiais podem usar os dois tipos de poder na política internacional para equilibrar a balança de poder (*smart power*), às nações periféricas cabe sobretudo o uso do *soft power*, isto é, a habilidade de fazer com que outro faça aquilo que se deseja através de atração, e não por coerção ou pagamento (NYE; WELCH, 2013). Diplomacia, assistência econômica, operações de paz e comunicação são ferramentas para o *soft power* (MARKS; FREEMAN, 2020).

O termo diplomacia tem origem tanto no francês arcaico (*diplomatie*), quanto no grego (*diplóma, matos*) e no latim (*diploma*), tendo entrado em uso não antes da última década do século XVIII (LEIRA, 2016; MARKS; FREEMAN, 2020). A diplomacia é geralmente definida como uma arte que se pratica na condução de negociações entre as nações a fim de implementar políticas e perseguir interesses (LEIRA, 2016; MARKS, 2015)

Na disciplina das relações internacionais, argumenta-se que existem oito formas de diplomacia moderna: (1) política de pacificação, (2) diplomacia *gunboat*, (3) diplomacia dólar, (4) diplomacia pública, (5) diplomacia do povo, (6) diplomacia intermediária, (7) diplomacia econômica e (8) diplomacia digital ou eletrônica (REDEKER, 2008). Embora todas as formas de diplomacia sejam importantes, este artigo se restringe à diplomacia esportiva, que se configura como um tipo de diplomacia pública.

A diplomacia esportiva envolve representação e atividades diplomáticas realizadas por esportistas e/ou confederações esportivas em nome e em conjunto com seus governos (ALLISON; MONNINGTON, 2002). A diplomacia esportiva utiliza atletas, pessoas relacionadas ao esporte – técnicos, dirigentes - e eventos esportivos para informar, engajar e construir uma imagem favorável entre públicos e instituições estrangeiras, que muitas vezes moldam percepções de uma forma mais propícia aos objetivos de política externa do governo (MURRAY, 2018). É uma expressão de *soft power* (DUBINSKY, 2019; NYE, 2008).

Há uma postura de negar de forma explícita ou, pelo menos, se afastar de qualquer associação das instituições e eventos esportivos com política. Afirma-se que "o esporte, assim como a música e a arte transcende a política, [então] estamos preocupados com o esporte, e não com política ou negócios" (BROUNDAGE, 1968, p. 10). Todavia, o que se vê na contemporaneidade é o uso do esporte pelos governos para fins políticos: as Olimpíadas de Berlim em 1936 (GRIX; HOULIHAN, 2014), *the ping pong table* entre Estados Unidos e China (GRIFFIN, 2014), as Olimpíadas de Seul em 1988 (CHO, 2012), as Olimpíadas de inverno de Socchi (KOBIERECKI, 2019), a Copa do Mundo da Alemanha (GRIX; HOULIHAN, 2014), e as Olimpíadas de inverno de PyeongChang (LEE, 2019) são exemplos recentes de sucesso des-

sas práticas. Ademais, nos últimos anos, houve um reconhecimento mais explícito do papel do esporte como ferramenta diplomática internacional. Isso é ilustrado, por exemplo, no desenvolvimento de uma relação estreita entre o Comitê Olímpico Internacional (COI) e a Organização das Nações Unidas (ONU) no uso do esporte para o desenvolvimento e a paz, e a subsequente provisão de "status de observador" para o COI na ONU (HONG, 2010).

Apesar da relação entre o esporte internacional e a diplomacia ser uma área familiar, ela é relativamente pouco explorada quando comparada aos outros tipos de diplomacia, sendo mais estudos necessários nessa área (MURRAY, 2018). Teoricamente, reconhece-se haver duas categorias distintas da diplomacia esportiva. Uma, mais versada à diplomacia tradicional - o diálogo entre Estados - o esporte internacional é intencionalmente empregado pelo funcionário do governo como um instrumento de diplomacia, sendo a forma mais familiar de diplomacia desportiva. Aqui, a diplomacia desportiva está frequentemente associada a governos que empregam desportistas para transmitir uma mensagem diplomática, ou a Estados que usam eventos desportivos - promovendo-os ou participando - para resfriar as tensões em relações diplomáticas ou simplesmente testar o terreno para uma possível mudança de política (ESHERICK et al., 2017; MURRAY, 2012, 2013; MURRAY, PIGMAN, 2014; ROFE, 2018).

De outra forma, a segunda categoria postula que o esporte internacional-como-diplomacia diz respeito à representação diplomática, comunicação e negociação entre atores não-estatais que ocorrem como resultado da competição esportiva internacional em curso - mais versada à diplomacia pública (MURRAY; PIGMAN, 2014). Inclui as atividades diplomáticas que ocorrem para tornar possível a competição esportiva internacional. No ambiente diplomático moderno e plural, atores não-estatais como o COI e a Federação Internacional de Futebol (FIFA), podem praticar este tipo distinto de diplomacia. São estas organizações que negociam com os governos, com os órgãos organizadores regionais e nacionais do esporte, com grandes empresas globais, a mídia global e organizações da sociedade civil global que patrocinam, transmitem e validam a competição (MURRAY, 2018; MURRAY, PIGMAN, 2014).

Os eventos esportivos militares podem ser uma oportunidade de convergência entre diplomacia militar e diplomacia esportiva. A diplomacia militar usa de recursos militares tangíveis e intangíveis para exercer influência de forma não-coercitiva, em diversas atividades - nomeação de adidos, intercâmbio educacional e de treinamento, apoio à ajuda humanitária - como forma de expressão de *soft power* da nação (SILVA, 2015). Essa possibilidade de convergência dá-se pela existência dos Jogos Mundiais Militares promovidos pelo *International Military Sports Council* (CISM), com a participação das Forças Armadas (FFAA) de países da América, Europa, Ásia e África a cada quatro anos. O próprio CISM promove essa visão dupla - diplomacia esportiva e militar - a partir dos motivos por ele apresentados para o apoio das nações à sua missão (INTERNACIONAL MILITARY SPORTS COUNCIL, 2020).

A diplomacia esportiva tem quatro objetivos básicos: construir a paz, unir as nações, estabelecer uma plataforma de diálogo e construir confiança e consenso de interesses entre as nações (ÖZSARI et al., 2018). Esses objetivos podem ser atingidos através das ferramentas da diplomacia esportiva. Não há até o momento, claro na literatura, um consenso sobre quais ferramentas são efetivamente constituintes da diplomacia esportiva - marca nacional, mídia esportiva, vitórias, organização de eventos, lobby são alguns exemplos - e qual o peso que cada uma

tem, na prática da diplomacia esportiva a fim de atender aos objetivos a que se presta (MURRAY, 2017). A presente pesquisa se volta à identificação das ferramentas e ao seu uso no contexto do esporte militar.

O objetivo desta pesquisa é propor um *index* para a diplomacia esportiva no contexto militar, baseado na frequência de uso das mesmas. Sua constituição parte de revisão analítica de literatura, avaliação de peritos e análise das três últimas edições dos Jogos Mundiais Militares. Finalizamos com a proposição de um algoritmo para o cálculo de um escore do *index*, a fim de possibilitar determinar o peso de cada ferramenta e categorizar os países a partir da frequência do uso das ferramentas de diplomacia esportiva no contexto militar.

2 Métodos

Esta é uma pesquisa metodológica, focada em desenvolver uma ferramenta, uma medida (*index* de diplomacia) (MAUCH; BIRCH, 1998). Segue a proposta metodológica de construção de *index* na qual as etapas de busca de evidências na literatura, proposição e confirmação dos itens e validação do *index* por métodos multivariados são descritas como essenciais (ABEYASEKERA, 2005).

2.1 Identificação das ferramentas pertinentes à diplomacia esportiva

Inicialmente, foi feita busca de fontes na base de dados Google Scholar. Por sua abrangência, esta base pública fornece evidências relevantes para o tema, não centrados somente em artigos científicos, mas também em *reports*, do tema em investigação. Foi usado o seguinte *string*: "*sports diplomacy*" "*dimension*" "*tools*" "*indicators*".

O período de busca compreendeu materiais publicados a partir de 2002, no qual já se era considerado o cenário das relações internacionais após os eventos de 11 de setembro de 2001, que provocaram profundas mudanças na forma de expressão de *hard* e *soft power* na dinâmica das relações internacionais. Não se procurou esgotar a literatura, apenas reunir evidências relevantes para a proposição do *index*.

2.2 Critérios de seleção

Ensaio teórico, livros, capítulos de livros, teses e dissertações, notícias de jornal, *reports* e *policy papers* a respeito de diplomacia esportiva foram considerados documentos a serem incluídos. Casos de análises particulares de um evento foram excluídos, assim como textos que discutiam a diplomacia esportiva conceitualmente, e não sua aplicação. Foram lidos artigos em português e inglês.

2.3 Identificação das ferramentas

O material selecionado foi sistematicamente lido para identificar ferramentas de diplomacia esportiva usadas ou teoricamente propostas. A partir dessa leitura, foram listadas

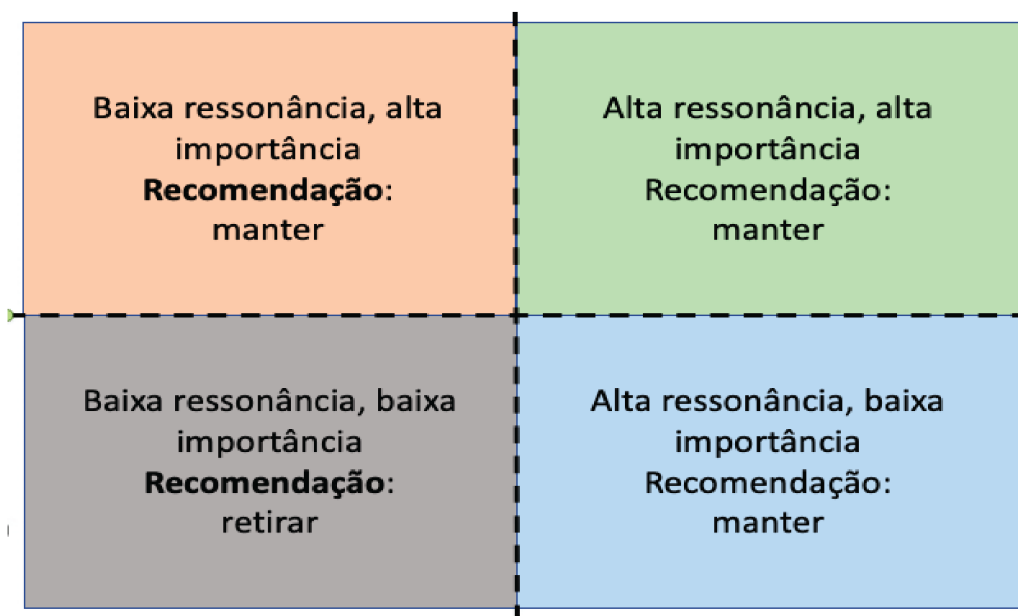
as ferramentas e gerados os indicadores das mesmas, a fim de definir as ações constituintes de cada ferramenta. A lista de ferramentas/definição de indicadores foi finalizada quando não se identificou no material selecionado nenhuma outra ferramenta/indicador distinto dos já descritos, ou seja, pelo critério de saturação.

2.4 Dimensões do *Index*

Na sequência, a lista foi submetida à análise por cinco profissionais considerados *experts* no tema – militares do quadro do Estado-Maior (QEMA) e oficiais Gerais com experiência esportiva militar. Juntamente com os indicadores, foi oferecida a estes profissionais a definição de diplomacia adotada nesse trabalho para orientação teórica do julgamento. Os juízes atribuíram nota de 1 a 10 para verificar a importância (sendo 1 = pouco importante; 10 = muito importante) e o potencial de impacto das ferramentas (sendo 1 = baixo potencial e 10 = alto potencial).

A partir das notas dos juízes, atribuídas à importância e potencial de impacto de cada ferramenta, foi efetuado um escalonamento multidimensional (ALSCAL) a fim de determinar suas dissimilaridades em um mapa perceptual. É aceitável modelo com coeficiente de determinação (RSQ) superior a 0,60 e estresse inferior a 2,5 (HAIR et al., 2009). Uma percepção de valor foi atribuída a cada ferramenta, variando de acordo com sua posição dimensional no mapa perceptual (Figura 1). Ferramentas com valores baixos foram eliminadas.

Figura 1 – Interpretação do mapa perceptivo para decisão



Fonte: Adaptado de Abeyasekera (2005).

2.5 Algoritmo (Escore) do *Index*

Para a criação de um escore do *index* a partir da realidade do esporte militar foram analisados os dados das três últimas edições dos Jogos Mundiais Militares promovidos pelo CISM. Foram usados os *yearbooks* dos anos de 2011, 2015 e 2019 (anos dos Jogos Mundiais Militares de verão). Nessas fontes, foram coletadas informações do uso de cada ferramenta remanescentes no *index*, após a análise anterior.

Os *yearbooks* foram sistematicamente lidos, tendo como material orientador da leitura a lista de todos os países associados ao CISM e os indicadores das ferramentas de diplomacia no contexto militar. Para a identificação da frequência do uso de cada ferramenta, foi realizada uma leitura específica de cada *yearbooks*, a fim de evitar perda de informações e/ou confusão entre os indicadores. Analisando o conteúdo dos *yearbooks*, foram identificadas ações que refletem o uso das ferramentas – através da similaridade com os indicadores que as definem. Para cada ação identificada foi atribuído um ponto de frequência.

O *index* de diplomacia, em termos estatísticos, se constitui em um modelo formativo, no qual cada ferramenta colabora para formar um conceito geral. Por essa característica, foi conduzida uma análise fatorial confirmatória de mínimos quadrados parciais. Como se trata de um modelo formativo, pesos fatoriais (ω ; *outer weights*) são os indicadores de “contribuição” da ferramenta ao *index*. Para serem importantes, pesos fatoriais devem ser significantes e, preferencialmente mas não necessariamente, $\omega > 0,50$ (HAIR et al., 2009). Foi investigada a multi-colinearidade das ferramentas, medida pelo fator de inflação da variância (VIF) como critério de retenção no modelo, considerando com aceitável $VIF < 10$ (HAIR et al., 2009). Para avaliação do ajuste do modelo (e em última instância, a pertinência das ferramentas), foi usado o indicador de Cohen (f^2 ; valores de 0,02, 0,15 e 0,35 são considerados pequenos, médios e grandes) (COHEN, 1988) para avaliar como cada ferramenta é “útil” para o ajuste do *index*. O indicador Stone-Geisser ($Q^2 > 0$; valores de 0,02, 0,15 e 0,35 são considerados pequenos, médios e grandes) avaliou a precisão do modelo (*index*) ajustado (COHEN, 1988).

A partir desses dados, se criou o algoritmo, que pode ser usado para classificação da frequência do uso das ferramentas de diplomacia esportiva no contexto militar. O mesmo foi escrito a partir dos pesos fatoriais (ω) ponderados das ferramentas, seguindo o padrão (MARÔCO, 2014):

$$Index \text{ diplomacia esportiva}_{\text{país}} = \omega_{\text{ponderado}_1} * (\text{frequência do uso da ferramenta}_1) + \omega_{\text{ponderado}_2} * (\text{frequência do uso da ferramenta}_2) + \dots + \omega_{\text{ponderado}_n} * (\text{frequência do uso da ferramenta}_n)$$

A ponderação é feita pela seguinte fórmula: $\omega_{\text{ponderado}} = \omega_n / \sum \omega$

Para todos os testes inferenciais, foi adotado nível de significância de 5%, e os softwares SPSS 22 e PLS-PM 3.2.2 foram usados nas análises.

3 Resultados

3.1 Identificação das ferramentas

A partir das obras levantadas em nossa revisão analítica da literatura, foi possível identificar quatorze fontes de referência (BLACK, PEACOCK, 2013; GRIGX, 2018; GRIGX, HOULIHAN,

2014; EUROPEAN COMISSION, 2018; GRASSROOTS...,2018a; HAUT et al., 2018; HEERE et al., 2012; MURRAY, 2013; 2018; NYGÅRD, GATES, 2013; ÖZSARI et al., 2018; TRUNKOS, HEERE, 2017; USHKOVSKA, PETRUSHEVSKA, 2015; ZINTZ, PARRISH, 2019) pertinentes ao tema desta pesquisa, que descreviam diretamente ou indicavam ou definiam ferramentas a serem usadas na diplomacia esportiva. Pudemos reconhecer e definir a partir da leitura dessas obras oito ferramentas: (1) Ser nação ativa nos eventos esportivos de grande porte; (2) Promover uma Marca Nacional; (3) Uso de Mídia e Tecnologia; (4) Nomeação de Embaixador do Esporte; (5) *Lobby*; (6) Estabelecimento de Cooperação Técnica Internacional; (7) Estabelecimento de Parcerias Não Governamentais; (8) Criação e/ou Participação em Redes Multissetoriais. A descrição dos indicadores destas ferramentas pode ser vista no Quadro 1.

Quadro 1 – Ferramentas e indicadores de diplomacia esportiva

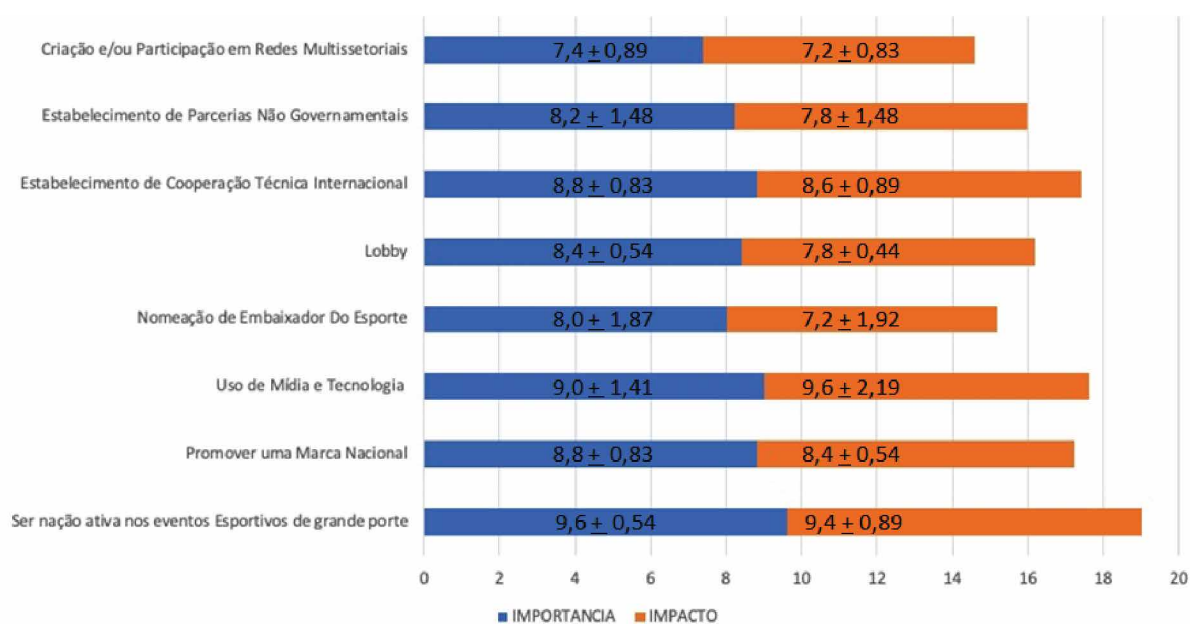
Ferramentas	Indicadores
Ser nação ativa nos eventos Esportivos de grande porte	<p>a. Receber e realizar megajogos (Jogos Olímpicos ou Copa do Mundo da FIFA) para aumentar prestígio internacional e projetar soft power.</p> <p>b. Projetar a imagem do país com a divulgação de recordes e medalhas (tanto de esportes isolados quanto do quadro de medalhas), sendo de especial importância para os países que não estão promovendo o evento.</p> <p>c. Os Estados podem combinar os dois métodos mencionados acima.</p>
Promover uma Marca Nacional	<p>a. O esporte pode ser usado como instrumento para promover o reconhecimento internacional, a boa reputação e imagem do país. Não apenas as vitórias fazem parte disso, mas os programas de promoção esportiva, de desenvolvimento de tecnologia e materiais usados.</p>
Uso de Mídia e Tecnologia	<p>a. Uso das ferramentas midiáticas para promoção dos valores culturais e sociais dos países na arena internacional.</p> <p>b. Promove destaque às instituições comerciais e instituições estatais e organizações de mídia internacionais.</p> <p>c. Promove a identificação do país com algumas áreas esportivas em que são bem-sucedidos.</p>
Nomeação de Embaixador Do Esporte	<p>a. Serve de modelo para a juventude mundial.</p> <p>b. Visto como representante da diplomacia pública de seu país.</p> <p>c. Funciona como mediador no desenvolvimento da compreensão mútua por meio de uma variedade de programas conjuntos entre países.</p>
<i>Lobby</i>	<p>a. Influenciar pessoas que são ativas na tomada de decisões, com o propósito de fazer um contribuição significativa para as relações interestatais.</p> <p>b. As atividades de lobby mais usuais no contexto esportivo são: influenciar em quais países, cidades e mesmo locais onde jogos esportivos relevantes acontecerão.</p>
Estabelecimento de Parcerias Não Governamentais	<p>a. Transferência ou compartilhamento de práticas bem-sucedidas por meio de parcerias não-governamentais.</p>

Ferramentas	Indicadores
Estabelecimento de Cooperação Técnica Internacional	a. Transferência ou compartilhamento de práticas bem-sucedidas através da Cooperação Técnica internacional.
Criação e/ou Participação em Redes Multissetoriais	a. O intercâmbio de práticas bem-sucedidas e / ou advocacia

Fonte: Os autores (2020).

Para verificar a relevância dos instrumentos de diplomacia esportiva, a lista de indicadores foi submetida aos cinco peritos, sendo os mesmos: ex-comandante do Centro de Capacitação Física do Exército; três (03) oficiais QEMA, graduados no curso de instrutor de Educação Física da Escola de Educação Física do Exército e representantes do Brasil no CISM; e o presidente do CISM da Guiana Inglesa.

Figura 2 – Média das avaliações das ferramentas de diplomacia esportiva, quanto ao seu potencial de impacto e importância no esporte militar



Fonte: Os autores (2020).

Na Figura 2 pode-se observar a média das notas e o desvio padrão de cada ferramenta, tanto para a avaliação de sua importância no contexto esportivo militar quanto para o potencial de impacto.

A fim de determinar as dimensões do *index*, foi realizada a análise de escalonamento multidimensional (ALSCAL). O melhor ajuste do modelo (Stress = 0,03; RSQ = 0,99) foi

obtido a partir do cálculo das distâncias euclidianas ao quadrado entre as variáveis, para nível de medida ordinal, com modelo de distância euclidiana, sem normalização das variáveis (Tabela 1).

Tabela 1 – Ajustes dos diferentes modelos

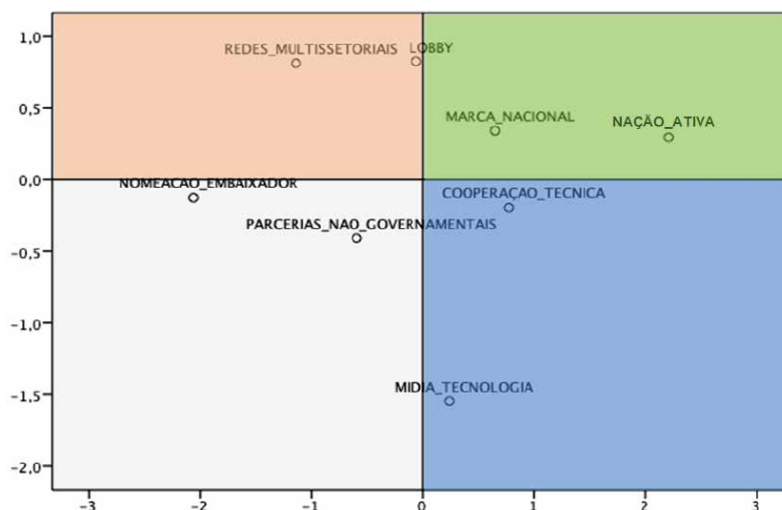
Intervalo	Normalização	Stress	RSQ
Euclidiana ao quadrado	Sem normalização	0,03	0,99
Euclidiana ao quadrado	Escore Z	0,04	0,99
Chebychev	Sem normalização	0,07	0,96
Chebychev	Escore Z	0,10	0,93
Bloco	Sem normalização	0,04	0,98
Bloco	Escore Z	0,05	0,98

Fonte: Os autores (2020).

Nota: RSQ = coeficiente de determinação.

O mapa perceptual indica que promover uma marca nacional através do esporte e promover/participar de eventos de grande porte tendem a ser as ferramentas de maior relevância e importância (Figura 3).

Figura 3 – Mapa perceptual das ferramentas de diplomacia esportiva no contexto militar



Fonte: Os autores (2020).

Por outro lado, a nomeação de um embaixador esportivo no contexto do esporte militar e estabelecer parcerias não governamentais foram considerados ferramentas de baixa relevância e baixa importância. Segundo a diretriz de interpretação adotada para o mapa perceptivo (ABEYASEKERA, 2005), essas ferramentas devem então ser eliminadas do *index*.

3.2 Algoritmo do index

Os dados brutos a respeito do uso de ferramenta por cada nação, pode ser obtido juntos aos autores na íntegra. A título de destaque, apenas Brasil, Bélgica e França foram os países que usaram todas as ferramentas elencadas nos 3 Jogos Mundiais Militares analisados.

Modelo de mensuração

Inicialmente, foi testado se as ferramentas que poderiam vir a compor o *index* não eram multicolineares. Todas as ferramentas ficaram abaixo do valor aceitável (VIF <10) (HAIR et al., 2009), permitindo que o *index* fosse constituído pelas seis ferramentas remanescentes da análise anterior. Os pesos fatoriais foram então calculados para cada ferramenta (Tabela 2).

Tabela 2 – Pesos fatoriais e Colinearidade para cada ferramenta do *index*

Ferramenta	ω	p	VIF
(1) Ser nação ativa nos eventos esportivos de grande porte	0,52	<0,001	1,85
(2) Promover uma Marca Nacional o	0,22	<0,001	2,85
(3) <i>Lobby</i>	0,25	<0,001	4,13
(4) Uso de Mídia e Tecnologia	0,26	<0,001	9,17
(5) Estabelecimento de Cooperação Técnica Internacional	0,24	<0,001	5,37
(6) Criação e/ou Participação em Redes Multissetoriais	0,13	<0,001	1,33

Fonte: Os autores (2020).

Nota: ω = peso fatoriais (*outer weights*); p = probabilidade de significância; VIF = inflação da variância.

Os pesos fatoriais foram relativamente baixos, mas ainda sim, todos significantes, que é o mais relevante para sua retenção no modelo.

Modelo Estrutural

A fim de confirmar a qualidade do *index* proposto verificou-se a adequação a dois indicadores gerais: Cohen (f^2) e Stone-Geisser (Q^2) (COHEN, 1988). Após a execução da análise *blindfolding* verificou-se que o *index* tem relevância preditiva significativa ($Q^2= 0,59$) e alta ($f^2=0,49$), assim como as ferramentas do *index*, sendo que estas variaram em termos de intensidade de relevância – de média a alta (Tabela 3).

Tabela 3 – Indicadores gerais de ajuste e qualidade do *index* e suas ferramentas

Ferramenta	Q2	f2
(1) Ser nação ativa nos eventos esportivos de grande porte	0,29	0,20
(2) Promover uma Marca Nacional	0,63	0,49
(3) <i>Lobby</i>	0,80	0,69
(4) Uso de Mídia e Tecnologia	0,86	0,79
(5) Estabelecimento de Cooperação Técnica Internacional	0,73	0,64
(6) Criação e/ou Participação em Redes Multissetoriais	0,21	0,15
Index de Diplomacia Esportiva	0,59	0,49

Fonte: Os autores (2020).

Nota: Q² = indicador Stone-Geisser; f² = indicador de Cohen.

Frente a estes resultados, pudemos evidenciar que as ferramentas selecionadas são pertinentes e que o *index* por elas formado tem evidências de qualidade. Após a ponderação dos pesos fatoriais (MARÔCO, 2014), foi então possível propor o algoritmo para o cálculo da frequência de uso das ferramentas de diplomacia esportiva no contexto do esporte militar:

$$\text{Index Diplomacia Esportiva}_{\text{país}} = 0,32*(\text{frequência do uso da ferramenta}_1) + 0,14*(\text{frequência do uso da ferramenta}_2) + 0,15*(\text{frequência do uso da ferramenta}_3) + 0,16*(\text{frequência do uso da ferramenta}_4) + 0,15*(\text{frequência do uso da ferramenta}_5) + 0,08*(\text{frequência do uso da ferramenta}_6)$$

Estão dispostos na Tabela 4 os 10 maiores escores no *Index* de diplomacia esportiva no contexto militar.

Tabela 4 – Países classificados de acordo com o *Index* proposto

No	País	Escore no <i>Index</i>
1	Brasil (BRA)	3,32
2	China (CHN) e Coréia do Sul (KOR)	3,08
3	Kuwait (KUW)	3,03
4	Bélgica (BEL) e França (FRA)	3
5	Estados Unidos (USA) e Rússia (RUS)	2,84
6	Equador (ECU), Alemanha (GER), Áustria (AUT), Espanha (ESP)	2,76
7	Oman (OMA) e Finlândia (FIN)	2,61
8	Argélia (ALG)	2,47
9	Líbano (LBN) e Portugal (POR)	2,46
10	Indonésia (INA)	2,45

Fonte: Os autores (2020).

4 Discussão

O objetivo desta pesquisa foi propor um *index* para a diplomacia esportiva no contexto militar, gerando um algoritmo que possibilita classificar os países a partir da frequência do uso das ferramentas de diplomacia esportiva nos Jogos Mundiais Militares.

Uma reflexão sobre a necessidade de pensar a diplomacia esportiva no contexto militar deve ser feita em vista do signo do esporte no meio militar. Há o ditado recorrentemente lembrado: “em tempos de paz, o esporte é o que mais se assemelha ao combate” – o qual não se conseguiu identificar o autor. George Orwell (1945), por sua vez, afirmou na década de 1940 que o esporte é a guerra sem tiros. O esporte está muitas vezes imbuído de noções de identidade nacional e guerra, e é um símbolo significativo de nacionalidade em disputas internacionais (GLEAVES; LLEWELLYN, 2014).

Por isso, apesar de haver a diplomacia de Defesa – definida como o uso cooperativo das Forças Armadas e a infraestrutura relacionada (militar e civil) como uma ferramenta de política externa e de segurança (SILVA, 2015) - e a diplomacia militar – definida como um instrumento que “visa promover intercâmbios e cooperações, construindo relações de confiança mútua, com a finalidade de colaborar com a capacitação de pessoal, a segurança, o desenvolvimento, a estabilidade e a paz” (BRASIL, 2016, p. 19) -, a diplomacia esportiva deve ter seu espaço no contexto militar, a fim de melhor compreender o contributo que o esporte pode dar para a diplomacia, a resolução de conflitos e a compreensão cultural.

Como a diplomacia é uma expressão de *soft power* (DUBINSKY, 2019; NYE, 2004) – medi-la, de alguma forma, é uma necessidade estratégica no sistema anárquico internacional. Para citar algumas dessas formas, destacamos o *Lowy Global Diplomacy Index* (LOWY INSTITUTE, 2019) – que se baseia na quantidade de representações diplomáticas - e o *Digital Diplomacy Index* (REPUTATION SQUAD, 2020) – que se baseia na frequência de nove indicadores do Twitter para avaliar países do G20. Nesse contexto, a proposta para o presente *index* de diplomacia esportiva no contexto militar é coerente, não apenas por sua importância, mas pela forma de abordar os indicadores – frequência de uso.

O modelo aqui proposto foi elaborado a partir de uma revisão de literatura e foi capaz de identificar indicadores específicos para o esporte. Para selecioná-los para o esporte militar, peritos com notória capacidade de exercer essa função os julgaram e foi possível identificar os seis indicadores que de fato compuseram o *index*. Com uma análise estatística robusta foi possível evidenciar a pertinência e a utilidade do *index*, gerando ainda um algoritmo que torna possível atualizar os dados ano a ano - se for mantida a consulta no *yearbook* do CISM – ou pelo menos a cada quatro anos, por advento dos Jogos Mundiais Militares.

Apesar desses resultados positivos, reconhece-se que há possibilidade de aprimoramento futuro ao *index*, ou pelo menos, nas fontes de avaliação dos países. Os *yearbooks* agregam os dados públicos, sendo uma comunicação ao público das ações promovidas no âmbito do CISM. Talvez, dados internos, das reuniões e ações dos países dentro da organização e nos bastidores dos eventos possam permitir reconhecer de forma mais acurada como os países usam as ferramentas de diplomacia esportiva. Por outro lado, o que foi trazido ao público é a ação que realmente causou algum impacto – notória de ser lembrada - e por isso manter essa consulta ao material público possa ser interessante. Somar, não trocar pelos dados internos.

O que aqui se apresenta é uma proposta inicial, que permite classificar os países em relação à frequência do uso das ferramentas de diplomacia esportiva no contexto do esporte militar. A ferramenta não permite que se avalie os *outcomes* – os resultados da ação a curto, médio e longo prazo; apenas os *inputs* – o que foi feito. Mas medir este constructo a partir de indicadores quantificáveis é um avanço (PAHLAVI, 2007). A continuidade da pesquisa e o aperfeiçoamento da medida é necessária, acompanhando inclusive os desdobramentos das ações tomadas pelos países.

A classificação do Brasil como primeiro do ranking é coerente com suas ações no período analisado: foi *host* de um evento, participou de todos os demais e, ao lado da França e Bélgica, usou todas as ferramentas identificadas nas três edições dos Jogos analisados. Da mesma forma que é coerente que seja seguido pelos outros dois *hosts* dos Jogos de 2015 e 2019, Coreia do Sul e China, respectivamente. Ao Brasil, cabe manter o uso desse *soft power*, procurando usá-lo a favor de sua política internacional, cabendo aos atletas das FFAA Brasileiras o papel de representantes de seu país nesse espaço, também político, de suor e paz.

5 Conclusão

O presente trabalho atingiu seu objetivo, concretizando uma proposta coerente e pertinente ao contexto militar para avaliar a frequência das ações de diplomacia esportiva. Pesquisas futuras podem aperfeiçoar a medida e seu uso recorrente pode ajudar as FFAA a se posicionar no uso desse instrumento de *soft power*.

Agradecimentos: Os autores agradecem ao Comd. Vermon Burnette; ao General de Brigada André Luiz Ribeiro Campos Allão; ao Coronel Luiz Fernando Medeiros Nóbrega; ao Coronel Rafael Soares Pinheiro da Cunha e ao Tenente-Coronel Edson Aita por sua ajuda na realização dessa pesquisa.

Referências

- ABEYASEKERA, S. Multivariate methods for index construction. *In: UNITED NATIONS (org.). Household sample surveys in developing and transitions countries*. Nova Iorque: Nações Unidas, 2005. p. 377-378.
- ALLISON, L.; MONNINGTON, T. Sport, prestige and international relations. **Government and Opposition**, v. 37, n. 1, p. 106-134, 2002.
- BLACK, D.; PEACOCK, B. Sports and diplomacy. *In: COOPER, A.; HEINE, J.; THAKUR, R. (ed.). The Oxford handbook of modern diplomacy*. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 535-547.
- BRASIL. Exército. Portaria nº 184, de 2 de março de 2016. Aprova a diretriz para as atividades do Exército Brasileiro na Área Internacional - DAEBAI (EB-D-01.006) e dá outras providências. **Boletim do Exército**, Brasília, DF, n. 10, p.15-27, 11 mar. 2016. Disponível em: <https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/1/1456/1/be10-16.pdf>. Acesso em: 25 Jan. 2021.
- BROUNDAGE, A. **The Speeches of President Avery Brundage 1952 to 1968**. Comitê olímpico internacional: Bruxelas, 1968.
- CHO, H. **International sporting events, nationalism and sport diplomacy: the evolving relationships between North and South Korea from 1978 to 2007**. 2012. Tese (Doutorado em Esporte, Exercício e Ciências da Saúde). School of Sport, Exercise and Health Sciences, Loughborough University, Loughborough, UK, p. 335. 2012.
- COHEN, J. **Statistical power analysis for the behavioral sciences**. 2nd ed. Nova York: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1988.
- DUBINSKY, Y. From soft power to sports diplomacy: a theoretical and conceptual discussion. **Place Branding and Public Diplomacy**, v. 15, n. 3, p. 156-164, 2019.
- ESHERICK, G. *et al.* **Case studies in sport diplomacy**. Morgentown: FIT Publishers, 2017.
- EUROPEAN COMISSION. **Sport diplomacy: identifying good practices: a final report to the European Commission**. Luxembourg: Publications Office of the European Union, 2018. Disponível em: <https://publications.europa.eu/en/publication-detail/-/publication/0efc09a6-025e-11e8-b8f5-01aa75ed71a1/language-en/format-PDF/source-65111809>. Acesso em: 20 ago. 2020.
- European Comission. **“Grassroots Diplomacy. Overview, Mapping and Definitions**, 2018a. Disponível em: [http://isca-web.org/files/Grassroots_Sport_Diplomacy/Grassroots_Sport_Diplomacy_-_Overview_mapping_definitions\[1\].pdf](http://isca-web.org/files/Grassroots_Sport_Diplomacy/Grassroots_Sport_Diplomacy_-_Overview_mapping_definitions[1].pdf) Acesso em: 20 ago. 2020.

GLEAVES, J.; LLEWELLYN, M. Ethics, nationalism, and the imagined community: the case against inter-national sport. **Journal of the Philosophy of Sport**, v. 41, n. 1, p. 1-19, 2014.

GRIFFIN, N. **Ping-pong diplomacy**: the secret history behind the game that changed the world. Nova Iorque: Simon and Schuster, 2014.

GRIX, J. The mixed record of sports diplomacy. Interviewee: Eleanor Albert. **Council on Foreign Relations**. Disponível em : <https://www.cfr.org/interview/mixed-record-sports-diplomacy> . Acesso: em 22 ago. 2020

GRIX, J.; HOULIHAN, B. Sports mega-events as part of a nation's soft power strategy: the cases of Germany (2006) and the UK (2012). **The British Journal of Politics and International Relations**, v. 16, n. 4, p. 572-596, 2014

HAIR, J. F. *et al.* **Multivariate data analysis**. London: Pearson, 2009.

HAUT, J. *et al.* International prestige through 'sporting success': an evaluation of the evidence. **European journal for sport and society**, v. 14, n. 4, p. 311-326, 2018.

HEERE, B. et al. The impact of World Cup 2002 on the bilateral relationship between South Korea and Japan. **Journal of Sport Management**, v. 26, n. 2, p. 127-142, 2012.

HONG, Eunah. **An Analysis of the Sport Policy Process in the Republic of Korea: The Cases of Elite Sport Development and Sport for All**. Tese (Doutorado em Esporte, Exercício e Ciências da Saúde). Loughborough University, Leicester, p. 409. 2010.

INTERNACIONAL MILITARY SPORTS COUNCIL. **Vision and mission**. Bruxelles: CISM, [2020]. Disponível em: <https://www.milспорт.one/cism/vision-and-mission>. Acesso em: 05 jun. 2020.

KOBIERECKI, M. M. The domestic dimension of sports diplomacy. **Review of Nationalities**, v. 9, n. 1, p. 17-28, 2019.

LEE, J. W. Olympic Ceremony and Diplomacy: South Korean, North Korean, and British Media Coverage of the 2018 Olympic Winter Games' Opening and Closing Ceremonies. **Communication & Sport, on line first**, 2019

LEIRA, H. A conceptual history of diplomacy. In: CONSTANTINO, C. M.; KERR, P.; SHARP, P. (ed.). **The SAGE handbook of diplomacy**. London: Sage, 2016. p. 28-38.

LOWYINSTITUTE. **Global diplomacy index**, 2019. Disponível em: <https://globaldiplomacyindex.lowyinstitute.org/>. Acesso em: 03 nov. 2020

MARKS, Eduard: Defining Diplomacy. **Center for Interagency Cooperation**, 2015. Disponível em: <https://thesimonscenter.org/featured-article-defining-diplomacy/> . Acesso em: 22 abr. 2020.

MARKS, S; FREEMAN, C. W. Diplomacy. **Encyclopedia Britannica**, 2015. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/diplomacy>. Acesso em: 22 abr. 2020

MARÔCO, J. **Análise de equações estruturais: fundamentos teóricos, software & aplicações**. Pêro Pinheiro: Report Number, 2014.

MAUCH, J. E.; BIRCH, J. W. Guide to the successful thesis and dissertation: a handbook for students and faculty. Nova Iorque: Marcel Dekker, 1998.

MURRAY, S. The two halves of sports-diplomacy. **Diplomacy & statecraft**, v. 23, n. 3, p. 576-592, 2012.

MURRAY, S. Moving beyond the ping-pong table: sports diplomacy in the modern diplomatic environment. **Public Diplomacy Magazine**, v. 9, p. 11-16, 2013.

MURRAY, S. Sports diplomacy in the Australian context: theory into strategy. **Politics & Policy**, v. 45, n. 5, p. 841-861, 2017.

MURRAY, S. **Sports diplomacy: Origins, theory and practice**. Nova Iorque: Routledge, 2018

MURRAY, S.; PIGMAN, G. A. Mapping the relationship between international sport and diplomacy. **Sport in Society**, v. 17, n. 9, p. 1098-1118, 2014

NYE JR, Joseph S. **Soft power: The means to success in world politics**. Nova Iorque: Public Affairs, 2004.

NYE JR, Joseph S. Public diplomacy and soft power. **The annals of the American academy of political and social science**, v. 616, n. 1, p. 94-109, 2008.

NYE, J. S.; WELCH, D. A. **Understanding Global Conflict and Cooperation: An Introduction to Theory and History** Londres: Pearson, 2013.

NYGÅRD, H. M.; GATES, S. Soft power at home and abroad: sport diplomacy, politics and peace-building. **International Area Studies Review**, v. 16, n. 3, p. 235-243, 2013.

ORWELL, George. The sporting spirit. **Tribune**, v. 468, n. 14, p. 10-11, 1945.

ÖZSARI, A. *et al.* Sport Diplomacy as Public Diplomacy Element. **International Journal of Sport Culture and Science**, v. 6, n. 3, p. 339-349, 2018.

PAHLAVI, P. Evaluating public diplomacy programmes. **The Hague Journal of Diplomacy**, v. 2, n. 3, p. 255-281, 2007.

REDEKER, R. Sport as an opiate of international relations: the myth and illusion of sport as a tool of foreign diplomacy. **Sport in Society**, v. 11, n. 4, p. 494-500, 2008.

REPUTATION SQUAD. **Digital diplomacy index**, 2020. Disponível em: <https://digital-diplomacy-index.com/>. Acesso em: 03 nov. 2020

ROFE, J. S. . **Sport and diplomacy: game within games**. Manchester: Manchester University Press, 2018.

SILVA, A. R. de A. A diplomacia de defesa na política internacional. **Revista da Escola de Guerra Naval**, v. 21, n. 2, p. 179, 2015.

SPRUYT, H. The origins, development, and possible decline of the modern state. **Annual Review of Political Science**, v. 5, n. 1, p. 127-149, 2002.

TRUNKOS, J.; HEERE, B. Sport diplomacy: a review of how sports can be used to improve international relationships. *In*: ESHERICK, C. *et al.* (ed.). **Case studies in sport diplomacy**. Morgantown, WV: FiT Publishing, 2017. p. 1-18.

USHKOVSKA, M.; PETRUSHEVSKA, T. Sports diplomacy: development and practice. **Research in Kinesiology**, v. 43, n. 1, p. 89-93, 2015.

WEBER, M. **Ciência e política: duas vocações**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2015.

ZINTZ, T.; PARRISH, R. **Promoting a strategic approach to EU sports diplomacy**. 2019. Disponível em: <https://www.edgehill.ac.uk/law/files/2019/05/Sports-Diplomacy-Background-Paper-v2.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2020.

